

SÃO PAULO Atividades predatórias causaram esgotamento de recursos, fazendo pescadores e agricultores abandonarem o extrativismo

Escassez da natureza muda hábito no litoral

CAROLINA FARIAS

FREE-LANCE PARA A FOLHA VALE

O esgotamento dos recursos naturais obrigou comunidades de pescadores e agricultores do litoral norte de São Paulo a substituir o extrativismo pela produção de espécies em risco, como mariscos e palmito, além de mudar o manejo dos recursos florestais.

Com a pesca predatória desde a colonização, por volta do século 16, pelo menos 16 espécies marinhas já não são encontradas com facilidade pelos pescadores, segundo a USP (Universidade de São Paulo), o Instituto de Pesca e os caiçaras. Extrativismo é a utilização de recursos naturais, como fauna e flora, sem preocupação com a renovação.

Em Caraguatatuba, São Sebastião, Ubatuba e Ilhabela existem pelo menos 67 fazendas de cultivo de mariscos de propriedade de pescadores. Árvores caídas da

mata atlântica transformam-se em canoas nas mãos dos caiçaras.

Com a orientação e o apoio logístico do Instituto de Pesca, do Instituto Florestal e das prefeituras, famílias e comunidades se organizam para buscar formas de aproveitar melhor sua produção.

"Há uns dez anos a gente viajava 30 minutos e pegava toneladas de peixe. Hoje, tem que navegar quatro ou cinco horas", diz Tírso da Rocha Neves, 50, vice-presidente da Associação dos Pescadores e Maricultores da Praia da Cocanha, em Caraguá.

Segundo o Instituto de Pesca, projetos, como o de cultivo de mexilhões em fazendas, têm o objetivo de fixar o pescador no seu local de origem.

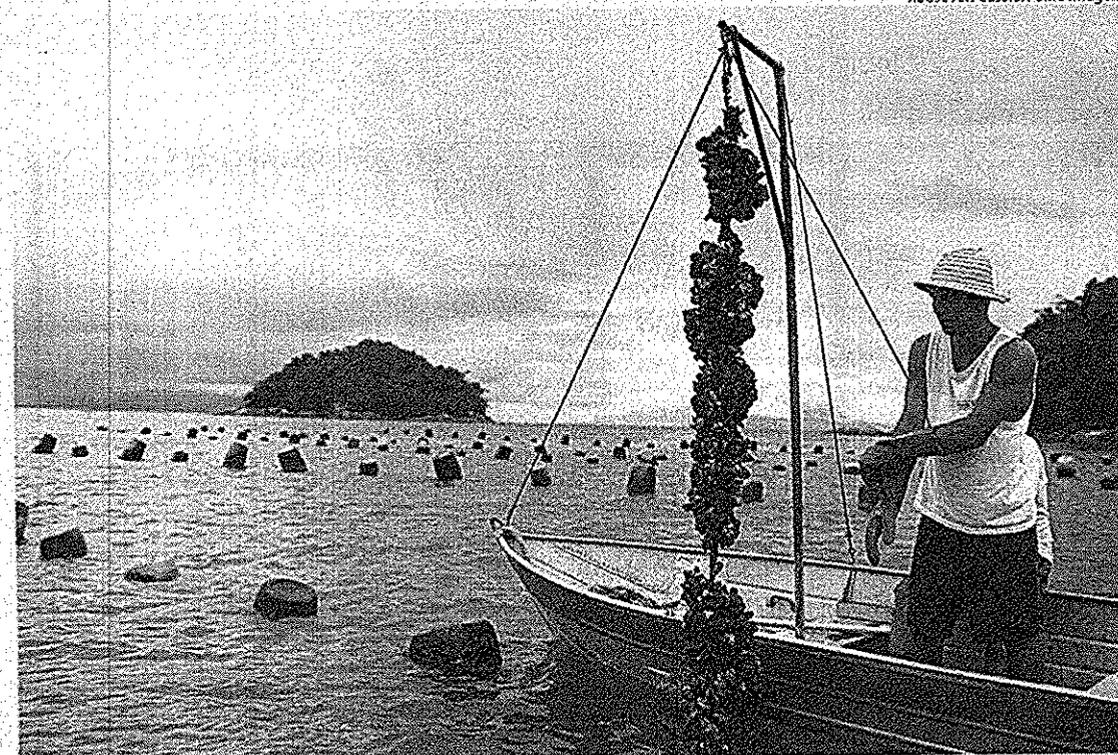
De acordo com o Ceagesp (Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais do Estado de São Paulo), a produção de pescado cai 20% ao ano. O segredo é reduzir perdas. Para valorizar a mercado-

ria, 60 mulheres de pescadores de São Sebastião têm uma cooperativa de beneficiamento de peixes.

Em Ubatuba, o Projeto Tamar, com apoio oficial e do grupo Pão de Açúcar, coordena o projeto de fabricação da unidade de beneficiamento de pescado, o "fishburger", no Camburi. A unidade vai aproveitar peixes de pouco valor no mercado que vão para o lixo, como a sardinha molé, para fabricar bolinhos e hambúrgueres.

Para acabar com o extrativismo vegetal, cinco famílias do sertão de Ubatumirim, em Ubatuba, mantêm a produção agroecológica. Juntam ao cultivo da banana e da mandioca o plantio de espécies da mata atlântica.

Uma dessas propriedades em Ubatumirim pode ser a primeira do litoral norte a ter um plano de manejo sustentável de palmito juçara, que consiste em planejar a extração da palmeira naquela determinada área.



Pescador retira mariscos do mar de Caraguatatuba, atividade que substituiu o extrativismo na região

Roosevelt Cassio/Folha Imagem